

6 Tempo

*Neonazismo: o retorno da intolerância **

Marionilde Dias Brepohl de Magalhães **

A palavra tolerância me parece de certo modo tirânica, uma vez que a autoridade que tolera, poderia também não tolerar.
Conde de Mirabeau

Com cabeças raspadas como as de detentos que cumprem pena em algumas prisões, portando jaquetas e coturnos semelhantes aos de militares e calças típicas de operários, os autodenominados *skinheads*, carecas ou *nazi-skins* vagueiam, na maior parte do tempo, pelos bairros de periferia, de onde só se deslocam se houver uma partida de futebol em estádios localizados no centro da cidade, ou para seu local de trabalho (no caso de estarem empregados), quando este se situa numa região mais distante. Alcoolismo, atos vândalos em estabelecimentos comerciais ou em residências, culto ao *rock* e agressões físicas a indivíduos que fazem parte de grupos minoritários constituem suas práticas cotidianas. “Gostamos de tocar, de cerveja, sexo e brigas, somos nacionalistas e adoramos nosso país”,¹ ... apresentam-se eles aos que eventualmente lhes indagam por sua identidade.

O vestuário, o lazer e as canções revelam aspectos de uma subcultura que se quer identificar como pobre e marginal: – Eles de lá de cima, nós daqui de baixo.² Contudo, pronta para se defender: defender-se dos *outros*. Sejam estes *outros* quem forem, serão sempre entendidos como *estrangeiros*.

* Agradeço ao DAAD - **Deutsche Akademischer Austauschdienst** - pelo auxílio financeiro que me concedeu para adquirir parte da bibliografia e da documentação que utilizei no presente trabalho .

** Professora Adjunta do Departamento de História da Universidade Federal do Paraná.

1. Afirmação de um membro da banda italiana *Hope and Glory*, publicada no fanzine *Lute ou Vegete*, São Paulo, 1986, apud Márcia Regina da Costa, *Os “carecas do subúrbio”*; *caminhos de um nomadismo moderno*, São Paulo, tese de Doutorado, PUC de São Paulo, 1992, p. 223.

2. Em folheto anônimo. Apud *Juso Magazin, für der Jungsozialisten/innen in der SPD*, Freiheit, Gleichheit, Solidarität, 1988. Tradução livre da autora.

A perplexidade com que assistimos às cenas destes “novos” agentes sociais não se justifica apenas pela brutalidade de seus crimes, ou pelo uso de símbolos nazistas, mas também por se tratar de jovens, filhos de trabalhadores, membros de uma classe social sempre idealizada pelas esquerdas como sujeitos fundamentais das lutas emancipatórias. E, como jovens, por não se deixarem atrair, como os da *geração 68* e a dos *verdes*, por movimentos e discursos que defendam a paz, a ecologia, a democracia, a liberação dos costumes.

Entender sua presença no cenário internacional, bem como as efetivas dimensões que assumem tais comportamentos, tanto para a cultura política do fim de século, quanto em suas possíveis relações com o poder político institucionalizado, é um desafio muito difícil para o historiador. Este, acostumado a analisar movimentos e conjunturas de longo prazo, alicerçando-se em categorias abrangentes como *racionalismo*, *romantismo*, *socialismo*, etc., que lhe permitam entender os fios condutores que ligam as preocupações do presente às questões postas no passado, tem agora de acercar-se de um acontecimento que parece não ter precedentes, desprovido ademais de doutrina, de utopia e, sobretudo, de referências no passado. Sim, porque afinal, ainda que o termo neonazismo evoque uma determinada experiência situada num momento histórico bem conhecido, dela estes grupos só utilizam seus símbolos – *para provocar* – como eles mesmos afirmam.

Além disso, não pretendem, como os nazistas de ontem, assumir o poder sob a liderança de um líder forte para estabelecer uma nova ordem política. Como afirmam Backes e Jesse,³ seus métodos são semelhantes aos de seus inspiradores, mas não seus objetivos: nada têm a ver com a política, suas opções eleitorais são inconstantes, não conseguem – e não querem – assumir compromissos.

Para enfrentarmos as dificuldades inerentes ao tema, gostaria, inicialmente, de tecer considerações sobre um movimento mais amplo, no qual o neonazismo está, a meu ver, inserido. Posteriormente procurarei comentar, à luz de uma bibliografia específica sobre juventude e violência, alguns aspectos do comportamento deste segmento social, com a finalidade de tentar compreender a dimensão de sua cultura política, bem como os modelos de sociedade que desejaria ver concretizados.

O extremismo de direita no contexto pós-guerra fria

O neonazismo, tal como é reavivado em diversos países, por facções de *skinheads*, *carecas*, *hooligans*, *faschos*, *nazi-skins*, não é um movimento coeso e amplo, único responsável pelo ressurgimento do racismo e do nacionalismo neste fim de século. Tampouco a violência, expressa em atentados contra turcos, árabes, nordestinos, negros, mulheres, judeus, *punks* e homossexuais,⁴ é exercida com os

3. Backes & Jesse, *Politischer Extremismus in der Bundesrepublik Deutschland*, Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung, 1993, p. 542. Não afirmamos com o intuito de minimizar o papel da ideologia e dos símbolos nazistas para os adeptos deste movimento, mas para ressaltar, como o fizeram Backes e Jesse, a falta de organicidade de suas práticas no que diz respeito ao delineamento de um projeto político que vise à conquista de um “lugar de poder”, seja no parlamento, no executivo ou mesmo na formação de uma entidade representativa de interesses.

4. Bernd Wagner, “Skinheads, Faschos, Autonome”, in *Politischer Extremismus in Deutschland und Europa*, Eichstätt, Brönnner & Daentler, 1993, pp. 77-91. Numa pesquisa recente realizada na Alemanha, identificou-se

mesmos objetivos dos membros das tropas de assalto (*Sturmabteilung – SA*) ou dos soldados da “Divisão das Caveiras” (*Totenkopfdivision*) do III Reich, os quais, diferentemente dos *skins*, eram crentes fanáticos em uma ideologia, em nome do que estariam dispostos tanto a matar como a morrer.

Uma outra manifestação denominada neonazismo se expressa no revisionismo, corrente política que visa reabilitar o nacional-socialismo. Seus adeptos negam a existência ou reduzem a importância dos campos de concentração, aludindo que a antipropaganda em torno deste fato foi uma invenção dos imperialistas, em suas versões *coca-cola* ou *vodka*, para denegrir a imagem do nacionalismo e, com isto, acabar com as culturas autóctones existentes no Terceiro Mundo.⁵ Esta corrente é a efetiva herdeira do NSDAP e dela fazem parte indivíduos que se autodenominam simpatizantes do nazismo, sem o prefixo *neo*. Infiltram-se em diversos partidos e movimentos de direita, tais como o NPD (Partido Nacionalista da Alemanha), o DVU (União Popular Alemã), o Partido Republicano Alemão (REP) e o FPÖ (Partido Liberal da Áustria).

Estes dois grupos se integram a outros movimentos, presentes tanto na Europa como nas Américas, os quais, conquanto suas diferenças de origem, possuem entre si alguns denominadores comuns, como o extremismo de direita. Trata-se de um comportamento político que pode assumir colorações de um partido, de uma corrente intelectual, de uma facção dos partidos maiores ou de movimentos sociais. Sobre seus denominadores comuns, gostaríamos de tecer algumas considerações.

Segundo o sociólogo Seymour Lipset,⁶ os movimentos extremistas não são específicos deste final de século. Seu surgimento coincide com o advento da democracia liberal e com o ingresso das massas na política. Conforme dois outros autores, Backes e Jesse,⁷ o termo extremismo não pode ser confundido com radicalismo, pois que há democratas que são radicais e, de resto, o radicalismo foi um dos responsáveis pelo surgimento da própria democracia moderna. Resta salientar ainda, que o extremismo não é uma prática exclusiva da direita, tal como a sociologia da sociedade moderna o concebe, ou seja, a partir de clivagens socioeconômicas, segundo os interesses de classe. A aporia que pode explicar o comportamento extremista não é direita / esquerda, mas ditadura / democracia, tanto de centro, como de direita ou de esquerda.

Segundo o autor,

Antes de 1917, os movimentos políticos extremistas eram usualmente encarados como um fenômeno direitista. Os que pretendiam eliminar a democracia procuravam, geralmente, restaurar a monarquia ou o domínio dos aristocratas. Depois de 1917, os políticos e os estudiosos começaram a referir-se a extremismo da esquerda e da direita, isto é, ao comunismo e ao fascismo. Segundo esse critério, os extremistas de cada extremo do *continuum* político convertem-se em advogados e defensores da ditadura, ao passo que os moderados do centro continuam a defender a democracia. O presente capítulo tentará demonstrar que isso constitui um erro – que as ideologias extremistas e os seus respectivos grupos podem ser classificados e analisados nos mesmos termos dos grupos democráticos, isto é, direita,

que os *skinheads*, embora denominem todas as suas vítimas de "estrangeiros", praticam atos violentos (desde o simples uso de palavras chulas, até o assassinato), contra quaisquer pessoas que eles sintam ameaçar seu espaço, suas idéias ou seus valores.

5. *Juso Magazin*, op.cit.

6. Seymour Lipset, *O homem político*, Rio de Janeiro, Zahar, 1967.

7. Backes & Jesse, *Politischer Extremismus ...*, op.cit.

esquerda e centro. As três posições assemelham-se aos seus paralelos democráticos, tanto na composição de suas bases sociais como no conteúdo de seus apelos.⁸

Para ele, em que pese o conjunto destes movimentos manifestarem, em suas reivindicações básicas, um caráter progressista e igualitário, especialmente entre os membros dos movimentos centristas e de esquerda, suas estratégias se definem pela defesa de modelos ditatoriais de governo, de caráter autoritário ou totalitário. Isto quer dizer que, independentemente das bandeiras que sustentam, como por exemplo, a defesa dos pequenos negócios contra o monopólio, reforma agrária, arrocho ou aumento salarial, etc., o que os diferencia é a estratégia com que pretendem ver seus objetivos alcançados.

Backes e Jesse, por sua vez, aproximam o conceito de *extremismo* ao de *fundamentalismo*, uma corrente de origem religiosa que se secularizou, influenciando diversos movimentos políticos do século XX, e cujas tendências apontam para a rejeição da democracia constitucional. Antepõem pluralismo partidário ao unipartidarismo; o pluralismo de idéias à *verdadeira doutrina*; as organizações de interesses privados à vontade supra-individual. Sob o ponto de vista das instituições, o parlamento é visto como falseamento da verdade; a imprensa, como manipuladora da opinião pública; a democracia, como sinônimo de decadência cultural; e os intelectuais, como inúteis e preguiçosos.

Esta cosmovisão está sempre acompanhada da convicção de que se detém a verdade, a única verdade, irredutível a mudanças. Coerente com estes princípios, os conflitos de idéias e de atitudes são vistos como sintoma da perda de uma harmonia que existia originalmente, idealizada num passado qualquer: – Antes, à época de Hitler, à época de Getúlio, do Imperador, de um mundo sem carros, sem megalópoles, sem poluição... essas coisas não aconteciam, não se deixava que estas coisas acontecessem, naquele tempo tudo era melhor ... – (vale dizer, estejam “estas coisas”, claras ou não, precisam ser eliminadas para que a ordem seja restaurada).

Tais imagens e discursos constituem-se em fatores de coesão, cujos sentimentos levam à formação de grupos, os quais dificilmente conquistam um número expressivo de adeptos.⁹ Entretanto, sua relevância para a esfera pública reside no fato de que eles se sentem portadores de uma missão: restaurar a ordem e propiciar a felicidade para todos os seus, mesmo que a maioria da população não os reconheça como seus representantes. Para tanto, seus membros devem abrir mão (ou mesmo nem ter) interesses individuais, sentirem-se moralmente superiores aos demais, estarem dispostos ao sacrifício, procurarem vitimar a sociedade inteira como se ela estivesse ameaçada por uma conspiração mesquinha das forças do mal contra o bem (sejam sagradas ou seculares): eis aí o substrato político da mentalidade fundamentalista, bem como sua semelhança com as práticas extremistas. Em ambos os casos, o ímpeto

8. Seymour Lipset, *O homem político*, op.cit.

9. Poder-se-ia argumentar, em contrário, que na Alemanha eles foram capazes de definir as eleições que fizeram de Hitler o chanceler. Estudos mais detalhados daquele processo demonstram que não houve correlação entre os militantes do NSDAP e os eleitores. O expressivo número de votos conferidos àquele partido em 1933 (43,9%), resultou do apoio das classes médias, residentes em cidades de pequeno e médio porte. Tratava-se de pequenos e médios comerciantes, funcionários públicos e pequenos proprietários rurais, camadas até então apáticas e desinteressadas em política, as quais, mesmo após as eleições, não participariam da cena política a não ser como espectadores. Sobre o peso eleitoral das diferentes classes, ver Richard Hamilton, *Who voted for Hitler?*, New Jersey, Princeton University Press, 1982.

missionário está presente: entre os religiosos, a missão é revelada por Deus; entre os seculares, por um líder carismático que se sente a um só tempo vítima e redentor da comunidade.

A este propósito, não deixa de ser pertinente ilustrarmos este comportamento a partir da fala de dois líderes; o primeiro, representante de um partido extremista, o segundo, de uma seita religiosa.

Não é apenas o operário da Rússia que geme sob o jugo do tzarismo (...) gemendo está o campesinato da Rússia. Gemendo estão os moradores das cidades pequenas, os empregados modestos, os funcionários subalternos (...) gemendo estão as nacionalidades e religiões oprimidas da Rússia, entre as quais os poloneses e finlandeses expulsos do torrão natal e feridos em seus sentimentos mais sagrados (...)(Stalin)¹⁰

Enquanto eu tiver um lar, vocês terão um lar. Aqui está um homem que tem apenas um par de sapatos, nenhum carro e uma muda de roupas (...) aqui está um homem que trabalha mais de 20 horas por dia (...) O amor que você vai encontrar lá fora não vai te sustentar, querido, porque não é o amor que você vai conhecer. Você nunca será amado novamente com a mesma intensidade do meu amor. Jamais. Meu Deus, se eu tivesse alguém que me amasse tanto quanto eu amo vocês, isto seria tudo de que eu precisaria na vida (Jim Jones, líder de uma seita pentecostal)¹¹

Estes dois personagens, Stalin e Jim Jones, procederam de classes socialmente inferiores, sofreram carências econômicas e déficits de *status*, e diziam ser estas experiências suficientes para que entendessem, na intimidade, os sofrimentos dos necessitados. Ambos atraíram adeptos, os quais não mediram esforços pelas suas respectivas causas.

A sacralização da política, presente no extremismo, e a secularização do fundamentalismo, são processos que podem ser evidenciados nas atitudes e sentimentos dos membros destes movimentos. Para Wolfgang Benz, (1987), os movimentos extremistas manifestam quase sempre, e independentemente de seus objetivos, um nacionalismo agressivo (pautado em mitos de unidade racial), hostilidade ao estrangeiro, racismo, intolerância, militarismo, anseio por um líder forte (o redentor) e predisposição à violência.¹²

Tais características, segundo nosso entendimento, estão obviamente presentes entre os *skinheads*, mas não são elas que representam, de forma preponderante, a sua versão de natureza política.

Não pretendemos, com isto, afirmar que membros destes grupos não sejam utilizados como instrumentos de partidos extremistas. No Leste Europeu, por exemplo, este movimento se estrutura desde o início com projetos explicitamente políticos, aliando-se rapidamente às correntes nacionalistas e xenófobas; com a falência do socialismo real, assumem publicamente ideologias de caráter fascista. No Ocidente, apóiam partidos nacionalistas e populistas, que a eles dispensam uma discreta ajuda. Seus escândalos são, de alguma forma “legitimados” quando tais políticos argumentam que o governo deve dificultar ou mesmo impedir os imigrantes de se fixarem no país, em favor de uma reserva de mercado para os seus nacionais.

A propósito, não são só os políticos que acabam por justificar, ou pelo menos atenuar, as práticas dos *skins*. A tese de que eles assim se comportam devido à falta de

10. Apud Isaac Deutscher, *Stalin*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1970.

11. Charles Lindholm, *Carisma*, Rio de Janeiro, Zahar, 1993.

12. Wolfgang Benz, “Organisierter Rechtsradikalismus in der Bundesrepublik Deutschland”, in *GWU*, 38 (1987), pp. 90-104.

expectativa no futuro (como se fossem geneticamente incapazes de disputar uma vaga no mercado de trabalho, como qualquer trabalhador) é, muitas vezes, compartilhada pelo discurso psicopedagógico supostamente progressista. Este, entendendo-os como “bons selvagens”, argumenta serem eles vítimas do desemprego, do vazio existencial e da falta de carinho familiar (como se fosse possível pedir aos grupos que são alvo de sua agressão que aguardem o momento em que os *skins* “compreendam”, finalmente, que aqueles têm um certo direito de existir!...).

Mas se, no tocante à política, reconhecemos serem prováveis as articulações entre os *skins*, *faschos*, *carecas* e *nazi-skins* com os extremistas, reafirmamos entretanto que não são aqueles que interagem com o poder institucional. Citemos alguns exemplos recentes deste comportamento, cuja pretensão às esferas de poder político é explicitamente declarada: *La Nouvelle Droite*, de Alain Besnoit na França, que postula ser “A vontade da maioria mais importante do que a vontade do parlamento”, uma bazófia que tenciona sugerir que a *maioria* a ser ouvida é somente aquela composta por franceses “legítimos”. Neste mesmo país, o *Front National* de Le Pen, que conquistou, em 1988, 14,4% dos votos para presidente da República, com o *slogan* “a França em primeiro lugar” (leia-se, *apartheid* aos estrangeiros). O Partido Republicano na Alemanha, que chegou a aumentar o número de seus militantes de 2.500 em 1985 para 25.000 em 1989, enquadrando-se os recém-ingressos sugestivamente na faixa etária de 18 a 25 anos. O revisionismo e o ataque ao dispositivo constitucional que prevê o direito de asilo político na Alemanha, bem como a oposição à integração europeia, são exemplos de sua plataforma. O Partido Liberal da Áustria, de Jörn Haider (FPÖ), que alcançou o percentual de 22,6% de votos em 1994, partido que se inspira nas doutrinas pangermanistas de Schönerer.¹³ O *Movimento Sociale Italiano*, cuja votação ultrapassou os 10% nas eleições de 1994. O *British National Front*, na Inglaterra, que se formou sob a influência da direita francesa. O Movimento Europeu Social, inspirado no rexismo belga, fundado na Suécia, e que conta ainda com o apoio de noruegueses, dinamarqueses, belgas, holandeses, austríacos, franceses e alemães.¹⁴ E, no Brasil, o PRONA – Partido de Reedificação da Ordem Nacional, de Enéas, que alcançou o terceiro lugar nas eleições presidenciais de 1994, com mais de 7% dos votos.

O discurso do PRONA atacava a desordem e os “políticos profissionais”, e defendia em seu programa, redigido na primeira pessoa do singular, a “centralização doutrinária e (...) um estado forte, técnico e intervencionista, voltado para toda a sociedade brasileira” (sic). Argumentava ainda que “não existem países amigos”, posto que “há todo um esforço dos Estados Unidos, Japão e Europa para enfraquecer, desmoralizar e desarticular as forças armadas e os órgãos de inteligência de nosso país”.¹⁵

13. A Liga Pangermânica foi uma entidade de caráter ultranacionalista criada na Áustria, em 1860, e na Alemanha, em 1880. Caracterizava-se pela sua franca oposição ao governo, face às suas posturas liberais. Seus idealizadores elegeram Bismarck como seu líder, um símbolo da *Grossdeutschland* (grande Alemanha). Catalizou o descontentamento da pequena burguesia, assustada com o risco de secessão num país multicultural como a Áustria. Eram racistas, imperialistas, militaristas e defendiam a oposição extraparlamentar. Destes personagens, o mais destacado foi Schönerer, por ter inspirado as doutrinas que seriam criadas por Adolf Hitler. Sobre este líder político e a influência que exerceu sobre Hitler, ver Carl E. Schorske, *Viena fin de siècle*, São Paulo, Companhia das Letras/ UNICAMP, 1988.

14. Armin Pfahl-Trauhgber, “Rechtspopulistische Parteien in Westeuropa”, in *Politischer Extremismus in Deutschland und Europa*, Eichstätt, Brönnner & Daentler, 1993.

15. *Um grande projeto nacional*; Enéas Presidente. Programa do PRONA, 1994.

Estes excertos demonstram como a xenofobia, o militarismo e o nacionalismo estão presentes também nas doutrinas deste candidato, sentimentos que de alguma forma obtiveram ressonância numa parcela da população. Enéas, cujos gestos histriônicos foram considerados ridículos ou malucos num primeiro momento, foi aceito posteriormente por um segmento de eleitores como símbolo de força, capaz de expressar, talvez, o protesto daqueles que não viram nos demais candidatos qualquer programa que “salvasse” a nação.

É interessante observar que quase todos estes partidos, tanto no Brasil como na Europa, passam a ser conhecidos menos por suas siglas e mais pelo nome de seus fundadores; Le Pen, Haiger, Enéas são, para além de uma técnica de propaganda, denominações que deixam implícitas as hostilidades que suas bases nutrem pelo próprio jogo pluripartidário.

É interessante observar também que quase todos estes partidos e movimentos tornaram-se mais representativos após a queda do muro de Berlim, quando, segundo Enzensberger, as nações ocidentais passaram a sentir que perderam a proteção propiciada pela *pax atomica*, e se viram defrontadas, finalmente, consigo mesmas. Desencadeiam-se guerras moleculares em pequenos grupos, que se estendem do Terceiro Mundo às metrópoles dos países industrializados.

Para Enzensberger,

O que nos chama a atenção (em todas estas manifestações) é o caráter *autista* dos criminosos, assim como sua incapacidade de distinguir entre *destruição* e *autodestruição*. Nas guerras civis do presente esvaiu-se a legitimidade. A violência libertou-se completamente de fundamentações ideológicas.¹⁶ (Grifos nossos)

Sejam movimentos que reclamem contra o imperialismo ou contra a presença de estrangeiros em seu país, sejam politicamente organizados ou espontâneos, para Enzensberger, a violência constitui sua linguagem “oficial”, e quanto a suas vítimas, elas podem ser tanto um líder famoso como um homem comum que transita anônimo pelas ruas.

O prazer da violência

Uma vez realizadas as reflexões sobre os movimentos extremistas, retornemos ao nosso objeto privilegiado, os *skinheads* e os *nazi-skins*, que respondem por uma parcela destas manifestações.

Ainda que superficialmente, atentemos para algumas falas e atitudes deste subgrupo, o que nos permitirá elucidar alguns aspectos de sua cultura, bem como identificar seus vínculos (ainda que difusos) com o extremismo político.

Iniciemos pelos nomes com que os *skins* intitulam seus fanzines e bandas, ou seja, suas formas de auto-representação: “Revolta Suburbana”, “Aborto Imediato para o Renascer de um novo Espermatozóide”, “Tédio Mortal”, “Latrina”, “Banda dos Ex-comungados”.

É muito provável que tais nomes sejam escolhidos com a intenção deliberada de provocar a rejeição da sociedade. Por outro lado, eles revelam a imagem que fazem de

16. Hans Magnus Enzensberger, *Guerra civil*, São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

si mesmos. Entendem-se como lixos da sociedade, porquanto inferiores social e culturalmente. As roupas, a decoração de suas casas ou o emprego que lhes está reservado no mercado de trabalho são estigmatizados pelas camadas mais abastadas e pela mídia como “brega”, de mau gosto, digno de desprezo e chacota. É, pois, destes estigmas (com os quais eles, em seu íntimo, também concordam) que os *skins* retiram elementos para a construção de sua própria identidade, como que afirmando: “nós somos tudo isso, mas estamos unidos”. E se agradam do medo e da aversão que os outros nutrem por eles. Trata-se de uma solidariedade negativa, ou como formula Enzensberger, de maneira mais radical, é assim que eles liberam seu instinto de autodestruição.

Este sentimento de pertencer a um grupo pode ser ilustrado no seguinte depoimento:

A minha ideologia é a nazista (...) a minha idéia foi a de introduzir no movimento a coragem da SS (...) ser fiel a um e a outro e só pensar em nós, o resto não existe. Sem coragem a gente podia ser massacrado em uma cidade (de um careca de São Paulo).¹⁷

À identidade de classe, associe-se o sentimento de estar ligado a um determinado território, donde sua hostilidade para com o estrangeiro e sua ênfase no nacionalismo.

Este nacionalismo, entretanto, não deve ser entendido como sinônimo daquele que se desenvolveu no final do século XIX, associado ao patriotismo, à identidade religiosa, étnica e lingüística. Ainda que se inspire neste passado, e que se solidarize a outros movimentos de caráter nacionalista, no caso específico dos *skinheads*, o nacionalismo é um suporte para a defesa de um espaço físico e não existencial.

Para eles, o termo *nação* é apropriado como um substitutivo para a idéia de tribo, ou mais primitivamente ainda, de *habitat*. Para Gerd Stüwe, “os adolescentes não se relacionam primariamente com sua origem nacional, mas se identificam muito mais com seu bairro e os lugares que frequentam”.¹⁸ Neste sentido, proteger seu pequeno espaço de invasões e temer a chegada de outros que ocupem seu lugar expressa a necessidade de delimitar fronteiras, tanto geográficas como econômicas e sociais.

Esta agorafobia, se assim podemos chamar, é entendida por Márcia Regina Costa como uma disputa que se desenvolve justamente num contexto em que o processo de globalização e desterritorialização, característico do mundo contemporâneo, tende a eliminar todas as particularidades culturais com que aqueles jovens podiam identificar-se.¹⁹ Assim, a regressão para um comportamento tribal, deve ser considerada como um mecanismo mais ou menos inconsciente de despertar de seu instinto de preservação. Logo, empreguem eles o termo pátria, bairro, nação ou Estado, estão na verdade querendo defender seu instável lugar de fixação.

Se se meter com a gente morre mesmo na cadeia. Lá em Santos mesmo, teve um som, os malacas viram nós e falaram “vamos acabar com estes *punks*” (...) nós quebramos eles.²⁰

17. Márcia Regina da Costa, *Os "carecas do subúrbio"*;... op. cit.

18. Gerd Stüwe, “Jugendcliquen im Kontext von Rechtsradikale Gewalt im vereinigten Deutschland”, in *Rechtsradikale Gewalt in vereinigten Deutschland*, Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung, 1993, pp. 343-49. Tradução livre da autora

19. Márcia Regina da Costa, op. cit., p.258.

20. Idem, p. 151.

Migrante
Você vem para cá
buscar o que não tem lá
Maldito migrante, desista
São Paulo não te agüenta
Você suga o sangue de paulista
Apenas mais um na concorrência
Empregos, mulheres, terras,
Tudo isto você vai roubar
Volte para a sua terra migrante
Filho da puta²¹

Os estrangeiros não pertencem ao solo alemão e dificultam nosso processo de desenvolvimento. Eu sou contra estas pessoas só porque elas são estrangeiras (...) os turcos vêm a Berlim para prostituir nossas mulheres (...) os poloneses compram tudo de nossas lojas, para depois revender por um preço mais caro, fazendo especulação, para enriquecerem como parasitas (...)²²

Uma outra característica detectada por Marcia Regina Costa, e que também observamos em nossas leituras, é o “culto ao corpo” experimentado pelos *skins*.

Segundo a autora, eles buscam diferenciar-se, ao se afirmarem como *fortes, sadios e limpos*, da imagem de outros, pobres, magros e fracos. Detecta-se aí também um sentimento narcisista, típico das sociedades contemporâneas, nas quais a atomização e o isolamento excluem os indivíduos da possibilidade de encontrar referenciais de identidade.

Neste caso, segundo Lindholm, citando Christopher Lasch,

O tipo de caráter que supostamente se desenvolve neste contexto é descrito (...) como semelhante ao de um paciente com uma perturbação narcísica de identidade; um eu fragmentado e enraivecido, numa procura compulsiva de prazer e estímulo de modo a compensar o sentido de vitalidade e de significação perdidos.²³

Para além dos aspectos psicanalíticos acima considerados, não é improcedente supor que o culto ao corpo pode ser uma derivação da cultura política que se desenvolveu no final do século XIX, a partir das doutrinas raciais: a crença na superioridade biológica do ariano pode ser uma fonte de inspiração para a qualificação do outro como física e mentalmente inferior. Afirmações como “(...) os africanos disseminam a AIDS entre as mulheres alemãs” e “(...) nós não violentamos uma mulher africana, afinal, as africanas não são mulheres, são fêmeas”,²⁴ exemplificam o desejo de subjugar outras etnias, senão militar ou politicamente, por meio de seus corpos – a violência *tout court*.

Ao considerarmos estes aspectos em seu conjunto, ou seja, o impulso à destruição e à autodestruição, solidariedade negativa, disputa para delimitação de fronteiras e narcisismo, podemos vislumbrar o cenário que emoldura o comportamento neonazista, no qual a violência adquire um sentido denso e é, ao mesmo tempo, o paradigma desta subcultura.

21. Idem, p. 172.

22. Bernd Wagner, “Skinheads, Faschos, Autonome”, op. cit. Tradução livre da autora

23. Charles Lindholm, *Carisma*, op. cit.

24. Bernd Wagner, op. cit.

Citemos dois exemplos-limites: conforme Eike Hennig,²⁵ o modelo de militante para os neonazistas da Alemanha é o de um soldado palestino. Querem agir como ele por dois motivos: porque sentem que seu território foi ocupado e que deve ser defendido; ou então porque necessitam de refúgio, senão numa outra região, no interior de seu próprio grupo, onde sentem a segurança de estar entre seus iguais. Desta maneira, o uso da violência deixa de ser um recurso-limite para se tornar uma prática usual.

Em segundo lugar, o espancamento ou assassinato enquanto um rito de passagem. Nas tribos *skinhead* e *Fascho* da antiga Alemanha Oriental, conforme as investigações de Bernd Wagner, para se tornar membro do grupo, o aspirante tem de passar por um rito de iniciação, que se concretiza num primeiro atentado.

O grupo acompanha o garoto a uma rua ou a um lugar semideserto. Todos estão bêbados e assistem à cena, em que correntes, soco inglês e pedaços de pau serão utilizados contra a presa encontrada. Após a “surra”, a que se assistiu como se os espectadores estivessem numa torcida esportiva, eles saem em bando e vão comemorar, abandonando a vítima no local do crime.²⁶

Este rito de passagem inaugura sua nova vida, diferente daquela em que todos o oprimiam; nela, as leis são ditadas por ele e os demais “cúmplices”, forma de se chamarem uns aos outros.

Entretanto, agredir fisicamente, aterrorizar, mesmo sem se valer da força bruta, ou simplesmente escarnecer dos mais fracos, não seria uma forma de exorcisar seu próprio medo? Os psiquiatras afirmam que um paciente tomado por qualquer sorte de fobia é mais perigoso do que aquele que nutre ódio por algo ou alguém. Amedrontar é uma forma primitiva de defender suas fronteiras – fronteiras que só podem ser definidas no momento em que se pratica o atentado, porque é aí que o papel do *outro* (a vítima) e o papel do *eu* (o agressor) podem ser distinguidos.

Os skins e seus brinquedos

Para concluir, gostaria de evocar algumas reflexões de Walter Benjamin sobre o brinquedo e a brincadeira, já que temos em foco a figura do adolescente, um indivíduo que se está tornando um adulto, mas que guarda ainda hábitos e lembranças muito vivos de sua infância.

Para além de sua caracterização enquanto faixa etária, sob o ponto de vista biológico, entendemos serem estes grupos formados por jovens que, diferentemente daqueles que tiveram acesso a uma educação estruturada, possuem diversos comprometimentos em sua formação sociocultural, devido à instabilidade econômica e emocional de suas famílias ou de seu grupo de convívio. Por tais razões, estão expostos a um profundo sentimento de insegurança.

Ainda que o comportamento agressivo e as vestimentas “militares” sugiram que os *skinheads* se auto-representam como “bravos guerreiros”, seu discurso reflete quase

25. Eike Hennig, “Neonazistische Militanz und fremdfeindliche Lebensformen der alten und neuen Bundesrepublik Deutschland”, in *Rechtsradikale Gewalt in vereinigten Deutschland*, Bonn, Bundeszentrale für politische Bildung, 1993. pp. 64-79.

26. Bernd Wagner, op. cit.

sempre uma atitude persecutória e suas ações são freqüentemente justificadas em nome de um perigo que está a ameaçá-los durante todo o tempo.²⁷ Procedem, portanto, como crianças vitimizadas e é nesta condição que precisam ser compreendidos.

Segundo Walter Benjamin, o mundo perceptivo da criança está marcado pelos traços da geração que a antecedeu, com quem ela se confronta e, ao mesmo tempo, vê-se confrontada. E é justamente com o brinquedo e a partir dele que a criança estabelece seu primeiro diálogo com o mundo adulto, através de códigos próprios. Nestes códigos, encontram-se as brincadeiras que reproduzem, por exemplo, o medo do perseguido e o prazer do perseguidor (*o gato e o rato*), o do animal-mãe que defende o ninho com os filhotes (*o goleiro, o tenista*) e o da luta dos animais pela sua presa ou em busca de seu objeto de amor (*o futebol e o pólo*).²⁸

Se associarmos esta reflexão ao significado do termo “brincar” no idioma alemão (jogar ou representar), poderemos concluir que estes adolescentes estão representando (e não contestando) o mundo de seus pais. O que eles fitam na geração anterior é o que mais anseiam ter quando se tornarem senhores de si mesmos: armas poderosas, um mundo dividido entre bandidos e mocinhos (como na Guerra Fria), carros velozes que ultrapassem a dimensão do tempo (o poder mover e o poder mover-se), um lugar que possam chamar de seu. Aspiram a ser campeões, como no futebol de botão, ou heróis, como nas historinhas de reis e de príncipes que eles conhecem dos jogos de fliperama.

Talvez seja este anseio que os leve, como as crianças na primeira infância, a brincar, reiteradamente, “para saborear, repetidamente, de modo mais intenso, as mesmas vitórias e triunfos”.²⁹

Ora, seguindo estas imagens, e sem pretender uma conclusão definitiva, dada a dimensão recente e difusa de tal fenômeno, colocamos a seguinte questão: para aquele que só enxerga o preto e o branco e é desprovido de senso histórico, para quem procura refugiar-se num espaço confinado para garantir sua própria segurança, quem pode, ao longo do século XX, representar maior triunfo do que aqueles que apostaram no partido único e que subjugaram o povo à sua própria vontade? Creio que é aí que poderemos descobrir alguns fios, quase imperceptíveis, que conectam o sonho dos jovens neonazistas aos dos idealizadores do extremismo político.

[Recebido para publicação em agosto de 1997]

27. Tal sentimento persecutório pode ser exemplificado nas declarações feitas pelos *white power* e “carecas do subúrbio”, dois grupos brasileiros que justificam suas práticas racistas por considerarem as minorias étnicas (leia-se, negros e nordestinos) como invasores de seu território. A este respeito ver Tulio Kahn, “Banco de dados sobre neonazismo”, *Revista de História*, São Paulo, n.129-131, pp. 243-266, 1993.

28. Walter Benjamin, “Brinquedos e brincadeiras”, in *Obras escolhidas*, São Paulo, Brasiliense, 1985, p. 252.

29. Idem, p. 253.